

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS ATUAIS

Aline Gonçalves da Silva¹

Universidade do Vale do Sapucaí-Univás

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-
NEPHEB

alineprofhistory@gmail.com

Sônia Aparecida Siquelli²

Universidade do Vale do Sapucaí –Univás

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-
NEPHEB

soniasiquelli@univas.edu.br

Este trabalho, como parte da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação em andamento, propõe uma reflexão acerca das relações que quatro professores da disciplina História do sexto ano do ensino fundamental II na rede Estadual de ensino em Pouso Alegre, Minas Gerais fazem na prática com a proposta curricular Conteúdo Básico Comum (CBC) vigente desde 2005. A pesquisa tem natureza qualitativa e busca na metodologia da História Oral com entrevistas semiestruturadas que abordaram aspectos como perfil docente e a formação inicial desses professores na licenciatura de História perceber as interações entre currículo normativo e real. Entendendo que as propostas de cunho neoliberal para o ensino de história valorizam a instrumentalização da educação e modificam o significado do trabalho do professor no século vinte e um de acordo com Bauman (2007-2013) e Bittencourt (2008-2013). O estudo dividiu-se em duas etapas sendo que neste trabalho concentra-se análise das entrevistas quanto à percepção do CBC de Minas Gerais para o sexto ano por parte desses professores. A hipótese averiguada é que esses professores nas suas práticas diárias nem sempre se atêm aos eixos propostos. O estudo visa contribuir para a área de formação de professores de História com os relatos de experiência profissional e as interações que os professores fazem com o currículo normativo.

Palavras Chave: Currículo real, professores, formação, instrumentalização, ensino de História.

¹Bolsista FAPEMIG/ Mestranda em Educação na Univás/ Pouso Alegre. Professora de História. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-NEPHEB.

² Doutora em Educação. Professora e Orientadora do Mestrado em Educação/Univás/Pouso Alegre. Docente das disciplinas *Ética, Política e Formação Docente e História da Educação Brasileira*. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-NEPHEB, cadastrado no CNPQ.



Introdução

O presente texto tem como objetivo uma reflexão acerca das relações que quatro professores da disciplina História do sexto ano do ensino fundamental II na rede Estadual de ensino em Pouso Alegre, Minas Gerais fazem na prática com a proposta curricular Conteúdo Básico Comum (CBC) vigente desde 2005. As entrevistas semiestruturadas contemplaram questões referentes à história de vida profissional, perfil docente e a formação inicial desses professores na licenciatura de História.

Realidades heterogêneas compõe o cotidiano de trabalho desses quatro profissionais. A complexidade dessas realidades encontradas em sala de aula torna-se evidente quando falamos da série inicial do ensino fundamental II e constituem um dos desafios atuais para o ensino de História em Minas Gerais trabalhar com esse público e cumprir o currículo normativo. Qual é a percepção desses professores a cerca do CBC do sexto ano? Partindo da fala desses professores formulou-se a hipótese que o CBC de uso obrigatório e incorporado ao currículo real de forma irreflexiva por alguns desses profissionais.

Currículo de História: Breve Histórico

As novas configurações mundiais neoliberais da década de 1990 do século provocaram mudanças históricas na educação. Organismos internacionais como a organização mundial do comércio (OMC), Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI) estabelecem índices que países em desenvolvimento entre eles o Brasil deve seguir na educação para obter empréstimos e se manter numa economia globalizada ou interconectada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998 do século vinte fazem parte de uma conjuntura macro política neoliberal transposta para o currículo e não podem ser desconsiderados quando falamos no trabalho do professor. Um marco da efetivação dessas mudanças nas políticas públicas para a educação baseada nessa lógica que impôs aos educadores a tarefa de educar para a lógica do mercado de trabalho mutável e para a política educacional de resultados.

Para Bauman (2013) uma das mais consideráveis transformações no ambiente educacional consiste na necessidade do aluno se desvencilhar da estrutura cognitiva anterior para a aquisição de um novo conhecimento. As informações apreendidas são



descartáveis. A racionalidade instrumental guia o processo educativo atual e os professores estão sendo formados com essa necessidade de “*aprender depressa*”.

O sistema Neoliberal aplicado ao ensino introduz as avaliações externas como garantia das condições necessárias de aprendizagem principalmente no que tange a alfabetização e disciplinas básicas; português e matemática. O Conteúdo Básico Comum (CBC) mineiro está dentro dessa concepção de educação baseada no desenvolvimento de habilidades e competências. Dentro dessa lógica capitalista empresarial há a responsabilização e premiação dos servidores estaduais e suas respectivas escolas diante do progresso dos alunos medidos por essas avaliações. Para assegurar as condições necessárias de aprendizagem, bem como sua efetivação na prática docente deu-se através de um Programa de Intervenção Pedagógica PIP com a supervisão de um analista específico para cada área do conhecimento e um programa de capacitação.

O CBC é uma proposta curricular organizada em eixos temáticos que conforme (Bitencourt, p. 121, 2008) assim como novas outras propostas para o ensino de História propõem; “*a afirmação de que a História deve contribuir para a formação do cidadão crítico, termo vago, mas indicativo da importância política da disciplina.*” Como a formação de professores para o ensino de História no século vinte lida com as exigências de cunho neoliberal que apresentam novas formas de manusear o conhecimento?

Essas novas formulações para o ensino de História que percebemos tanto nos Parâmetros Curriculares para a disciplina História como no CBC mineiro possuem a pretensão de tornar a disciplina História mais significativa para os alunos do século vinte e um. Porém, no CBC percebemos a partir de Bittencourt (2008) há uma dificuldade em articular a relação existente entre cidadania social e política, bem como entre cidadania e trabalho. Podemos observar tal visão na página 17 do CBC. “*O CBC de História do Ensino Fundamental tem como eixo integrador o Tema História e Cidadania no Brasil.*”

Entretanto, tais propostas mais recentes possuem uma marca utilitarista, bem como um ensino voltado para a aprendizagem como conforme,

“As articulações entre a concepção de História acadêmica e de História escolar, diferenças essas explícitas em várias propostas e explícitas com mais detalhes pelo PCN, aparecem em dois outros tópicos dos currículos. Os métodos de ensino são destacados como elementos decorrentes de uma concepção de história associada a uma concepção de aprendizagem,..” (Bittencourt,2008, p.117).



Há, portanto uma questão significativa entre a formação de professores para a disciplina que se efetivou tardiamente no Brasil e as intencionalidades das propostas que no século vinte e um pretendem tornar a História mais próxima das novas gerações. Utilizando os significados dos relatos profissionais dos professores de História busca-se verificar o currículo real e embora o trabalho do professor pareça isolado segundo Bittencourt (2008) o poder da categoria reside na ação que também é comum.

Segundo Bittencourt (2008) a formação para professores da disciplina História se efetivou somente na década de 1930 do século vinte. Após um período Histórico onde a disciplina foi retirada dos currículos temos a elaboração de novas propostas, com novos focos na década de 1980, quando a disciplina voltou aos currículos. De acordo com Bittencourt (2008) o professor de História ao longo de uma trajetória histórica foi se profissionalizando e especializando-se, bem como se fortalecendo com a organização de associações representativas da classe que participam das discussões curriculares a cerca da permanência e composição da disciplina nos currículos. Entre as especificidades do trabalho dos professores estão as curvas que produzem cotidianamente entre a estrutura curricular oficial que deve seguir e suas práticas em sala de aula. Professores não são técnicos, segundo Bittencourt (2008), mas quem torna o saber que deve ser ensinado em saber que será aprendido.

História Oral e Formação

Os professores de História pertencem há uma historicidade a cerca da formação de professores e ensino de História no Brasil. O professor de História, portanto, inserido na estrutura, escolar vive um momento de crise/transição da escola pensada nos séculos dezessete e dezoito e que não corresponde mais a nossa realidade³. O professor segundo Bauman (2013) não tem mais a identidade de portador exclusivo do conhecimento nem um único alvo/objetivo com os seus alunos.

³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*; Ramalhete. 41.ed. Vozes Petrópolis, RJ.2013.



A disciplina História pretende ser, segundo os PCN, uma disciplina formadora do cidadão, embora estejamos inseridos em uma sociedade de racionalidade instrumental na qual a formação humana não é valorizada.

De acordo com Bittencourt (2011) o ensino de História suscita vários questionamentos. Os estudos sobre o ensino de História dos anos 1970 referem-se a relatos de experiências em sala de aula, que se caracterizam por não apresentarem reflexão teórica. De acordo com estas pesquisas, a identidade do professor de História está ligada ao seu modo de fazer em sala de aula.

Os professores de História somente começaram a ser formados para tal a partir da década de 1930 do século vinte, de acordo com Bittencourt (2011).

Deste modo, estudar através de entrevistas a formação dos professores de História e seus posicionamentos frente às normatizações da disciplina são necessários para: *“aprofundarmos essa temática devido às discussões e a política do MEC, que está relacionada às mudanças de currículo e a nova concepção de licenciatura.”*⁴

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que: *“O ensino de História tem como pressuposto que o aluno pode apreender a realidade na sua diversidade e nas múltiplas dimensões temporais”* (MEC, 1998, p. 60). O mesmo texto afirma que o ensino da disciplina deve-se dar através do *“diálogo, pela troca, na formulação de perguntas, e na construção de relações entre presente e passado e no estudo das representações”*.

As entrevistas permitem acesso às informações que não estão registradas formalmente nas avaliações dos professores, nas atas das reuniões ou em outros documentos que regem o trabalho docente. Ouvir atentamente os relatos dos professores de História que atuam no sexto ano, seus relatos sobre a formação inicial e suas relações com os mecanismos curriculares do ensino aproxima o pesquisador da complexa experiência diária. Compactuando com Thompson (1992) os relatos são mais completos porque compreendem o que o professor realizou, mas também o que omitiu e que gostaria de ter feito.

A metodologia qualitativa História Oral, de acordo com Thompson (1992) possui um extenso passado, pois foi através da oralidade que se constituiu a primeira História. No século dezanove o historiador francês Jules Michelet propôs o uso da memória para falar sobre a Revolução Francesa acreditando que os documentos escritos não excluiriam a utilização de outras fontes. Sistemáticamente a metodologia

⁴Revista de História *Saeculum*, n°6/7 2000/ 2001, p. 106.



passou a ser usada nos anos 1950, após a invenção do gravador a memória passou a ser fixada. Foi possível o registro de sobreviventes de guerra civis e militares, bem como a história de países africanos ágrafos passou a ser escrito.

Expandiu dos Estados Unidos para Inglaterra, México e outros países. Ela é uma metodologia que não se restringe a História sendo utilizada por diversas áreas como nos lembra, Thompson (1994) jornalistas, antropólogos, sociólogos, pedagogos, psicólogos utilizam a metodologia em seus trabalhos.

Quando se pensa na proposta curricular Conteúdo Básico Comum CBC mineiro (como o caminho a seguir) podemos replicar a pergunta de (Bittencourt p.33, 2008): *“Qual tem sido a participação dos professores na constituição da disciplina de História nas salas de aula?”*

Portelli (1997b) enfatiza ainda os princípios éticos relacionados a essa metodologia de pesquisa que de avança para um compromisso do individual e político do pesquisador com a honestidade. O autor entende por honestidade o respeito pelo entrevistado e pelo material gravado e o laço com a verdade no tocante a uma atitude do pesquisador da busca não pela verdade absoluta, mas pelo entendimento e reconhecimento de variáveis.

Na pesquisa educacional a metodologia da História Oral permite, portanto ouvir os professores de História, compartilhando do pensamento de Bosi (1994) quando chama dessa substância social da memória onde o pesquisador é o ouvinte que registra. A memória individual do narrador que segundo a autora constrói sua identidade no ir e vir da memória enriquece os estudos a cerca da formação de professores.

Nesse sentido Portelli (1997 b) utiliza-se do termo memória compartilhada para definir a importância e singularidade de cada entrevista e suas relações que formam um mosaico, uma colcha de retalhos, um conjunto que quando não possui coerência rompe o tecido. Compõe a História Oral a relação entre o individual e o social, invenção e os fatos comprovados.

A História e seu ensino tem uma finalidade social, pois os alunos são levados a compreender os processos que levaram ao modo de vida em que estão inseridos e o papel que conflitos têm desempenhado durante essas trajetórias, segundo Thompson (1992).

O recorte da análise feita abrange os profissionais do Ensino de História que trabalham, ou já trabalharam no sexto ano da rede estadual de Minas Gerais em Pouso Alegre, MG. Os relatos dos professores são apresentados como parte



importante do processo de pesquisa ao narrarem sua escolha pela docência, práticas, as relações estabelecidas em sala de aula, as preparações das aulas, suas memórias e ressignificações do que é ser professor.

O trabalho com a metodologia de história oral compreende todo o conjunto de atividades anteriores e posteriores a gravação dos depoimentos. Exige antes o levantamento de dados, leis, visitas exploratórias tanto para a preparação do roteiro das entrevistas semiestruturada. As entrevistas serão semiestruturadas contendo perguntas sobre a vida profissional dos docentes, sua formação profissional e suas estratégias de ensino. A escolha desse método permite que se estabeleça uma interação de respeito entre pesquisador e pesquisado, de acordo com Thompson (1994). Os professores concordaram em colaborar principalmente por saberem se tratar de uma colega de profissão.

A história de vida profissional da PH3 foi gravada antes do turno da noite num dos corredores da escola. Quando cheguei para a entrevista marcada no dia anterior, a professora ajudava a vice- diretora a xerocar livros, pois faltavam materiais para alguns alunos. Sentei na pequena sala e esperei que terminassem sua tarefa para iniciarmos nossa conversa. Muitos professores chegavam para as aulas do período noturno. Então a PH3 escolheu o corredor aberto da escola para a entrevista. Expliquei o tema da pesquisa, o objetivo. PH3 é o participante com maior tempo em anos em exercício de profissão no estado de Minas Gerais, quase 24 anos .
“Professora porque você escolheu a licenciatura?”

“Porque eu gostava. Porque eu gostava da matéria achava muito interessante né? E na realidade eu quando eu estudava eu não era muito apaixonada por História não, mas depois eu resolvi eu comecei a ler muito sobre a matéria e gostei ai quando eu entrei pra faculdade ai quando eu aprendi a gostar mesmo de História quando eu comecei a dar aula ai eu passei nossa apaixonei.”

Para Portelli (1997) quando fala sobre a análise das fontes orais, o pesquisador deve atentar para as variações da fala. Os relatos podem trazer variações entre a descrição pormenorizada de eventos ou a rápida de toda uma trajetória. A História Oral Portelli (1997b) depende do campo, trabalha com a experiência, a memória e o impacto que as vivências tiveram na vida de cada pessoa a ser ouvida. Ainda de acordo com o autor, a memória é individual, singular faz parte de um processo similar a linguagem, mas relaciona-se com o meio social.



Narrar segundo Benjamin (1994, p. 197) é “*intercambiar experiências*” embora se perceba uma diminuição gradativa da arte de narrar. Forma engrandecedora onde quem conta busca em suas vivências, mas também incorpora a experiência de quem ouve a sua fala, segundo Benjamin (1994).

PH3 narra as mudanças que percebeu nesses anos que atua como professora na rede estadual de ensino.

E nesses anos quais mudanças você pode observar no ensino de História?

“Ah o ensino de História não mudou muita coisa não, não mudou não sempre a mesma a (pausa) é o governo sempre tá querendo mudar, mudar, mas eu não acho que mudou muita coisa não, aliás é mudar aí. Mudou sim porque o governo antigamente quando eu comecei você falando do ensino da História ou no ensino em geral? Quando eu entrei o aluno ele. O ensino hesitação o aluno você podia segurar o aluno que não conseguia ou mesmo que não participava das aulas. Você podia segurar hoje não o aluno sabe ou não sabe você tem que empurrar o aluno...”

O sexto ano é para PH3 um desafio, bem como se percebe em sua fala a dificuldade em atribuir sentidos para a disciplina e transmitir aos alunos esse sentido. Único que não atribuiu aos seus mestres peso na escolha profissional. Ele não faz uma ligação direta entre memória da escola e escolha pela docência. Formou-se na universidade local e apresenta dificuldade para lidar com as novas tecnológicas em sala de aula.

Para Ph4 as dificuldades em trabalhar com o sexto ano residem principalmente por causa do elevado número de alunos em sala de aula e as dificuldades que estes apresentam com leitura e escrita.

“ Aqui nós temos problemas...por exemplo...no sexto ano que é seu foco... nessa mesma sala que nós estamos aqui...eu possuo quarenta alunos...elevadíssimo...né...O estado faz essas coisas pra gente...mas além desses quarenta...pela média que eu já pude fazer...provavelmente...uns 40,45% não sabem ler e escrever...”

PH4 formou-se na universidade Federal de São João Del Rey e é formado também em Filosofia. A sua metodologia de trabalho se modificou com a mudança para Pouso Alegre, em São João ele utilizava o patrimônio material e imaterial da cidade nas aulas de História.

“Também ...lá...assim...a gente visita muitos quilombos...” “...a gente trabalhou muito com história oral... pessoas mais velhas... a gente também fazia visitas a Ouro Preto...viajava para Ouro Preto...Mariana...”

No trecho abaixo ele comenta o perfil da escola de periferia e a precariedade do trabalho na rede estadual.



“Veja...é: antes de eu sair de São João Del Rey para vir para Pouso Alegre...eu lecionava em escolas onde o perfil econômico do bairro...era de classe média baixa... e os pais desses alunos para os quais eu lecionava... tinham o nível de educação de nível médio...alguns até com ensino superior...” “...Vinicius Meier pertence ao Bairro São Geraldo...não é um bairro...é um bairro mais popular... o que percebo...eu estou aqui a mais de um ano...que aqui nós temos muitos migrantes...”

“O CBC quase não foi atualizado...a começar daí...O CBC ficou estático...como se ele esgotasse todo conhecimento...”

O professor diante da nova realidade trabalha os livros didáticos, filmes e trabalha alguns dos conteúdos do CBC. A falta de estrutura da escola e a dificuldade encontrada com os alunos fazem o professor refletir sobre sua prática, percebe que CBC ficou estático existem mudanças a serem feitas.

Considerações finais

A escolha profissional, pela docência pensada em retrospectiva pelo entrevistado é mediada por uma imagem no presente, e é um sentimento que convive com a percepção do meio social em que o sujeito se insere como nos lembra, Bosi (1994) ao falar das imagens evocadas pelo sujeito.

Vemos na fala do PH4 uma mudança profissional importante. Ele percebe e reflete sobre a diferença em se trabalhar em uma região com o patrimônio histórico rico e preservado e numa outra realidade em Pouso Alegre. Na nova cidade ele se depara com uma realidade onde não pode contar com os recursos do patrimônio e depara-se com um perfil econômico diverso composto por pessoas migrantes.

Para Portelli (1997b) cada entrevista possui valor, o pesquisador vai a casa da pessoa e inicia uma conversa onde irá ouvir e aprender. O pesquisador entrará na privacidade do entrevistado, portanto deve agir com educação.

O pesquisador pode, portanto, aprender com a experiência de sala de aula do professor entrevistado, suas vivências de formação, sucessos, dificuldades e intensões realizadas ou não. Quando o entrevistado professor nos fala sobre as memórias de quando foi aluno e da interferência na sua escolha profissional vemos segundo Bosi (1994) de que memória é também socialização, pois a criança entra em contato com a memória das pessoas com as quais convive.



A lembrança do passado é reconstrução, um repassar de fatos, que são refeitos com imagens do presente, não há sobrevivência fidedigna da memória, de acordo com Bosi (1994). Sendo assim como os sujeitos não são os mesmos da infância a lembrança dos professores daqueles anos são formadas por um conjunto de representações que estão presentes em suas consciências atuais. Ainda segundo a autora a relação estabelecida entre o narrador e seu entrevistado pretende conservar a história que é contada, bem como através dela gerar novas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada. Vidas contadas e histórias vividas*. Zahar. Rio de Janeiro. 2008. p. 158, 159, 162-77.

_____. *Vida para o consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Zahar. Rio de Janeiro, p.139. 2007

_____. *Sobre educação e Juventude*. Rio de Janeiro. Zahar. 2013.

_____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro. Zahar. 2009.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Zahar. 2001. Edição eletrônica.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro. Zahar. 2009. B. pg. 41.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: brasiliense, 1994, p. 197-221.

BITTENCOURT, Circe. *O saber Histórico na sala de aula*. 12 Ed. São Paulo. Editora Contexto, 2013. p.11-27, 69-90.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2 Ed. São Paulo. Cortez, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo EDUC,1998.Cadernos de Pesquisa, n.113, p.51-64; Julho/2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*; Ramallete. 41. ed. Vozes Petrópolis, RJ.2013.

GUSMÃO, Emery Marques. *Memórias de quem ensina História. Cultura e identidade*. Editora Unesp. Fapesp. São Paulo, 2004.

LUZ, Solange Raquel Silva Nogueira. *O programa de intervenção pedagógica na Superintendência Regional de Ensino de Pouso Alegre MG*. Juiz de Fora, 2013.

NUNES, Maria Therezinha. VILLALTA, Luís Carlos. SIMAN, Lara Mara de Castro. Conteúdo Básico Comum. Secretária de educação do Estado de Minas Gerais.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*- Brasília: MEC, SEF, 1998.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ática na História Oral*. Projeto História 15, São Paulo. Abril, 1997 b.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente*. Projeto História 14, São Paulo. Fev, 1997. História & Perspectivas, Uberlândia (39): 181-217, jul. dez. 2008

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



_____. Forma e significado da representação histórica. A batalha de Everts e a batalha de Crummies (Kentuncky:1931, 1941). *História & Perspectivas, Uberlândia* (39): 181-217, jul.dez.2008

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

UNESCO, OREALC. *Educação de qualidade para todos: um assunto de direitos humanos*. 2. ed. – Brasília : 2008 pg. 9,10.